

SIMPÓSIO AT157 ANÁLISE DAS NARRATIVAS DE VIDA DOS REFUGIADOS CONTIDAS NO SITE HYPENESS

SANT'ANA, Maíra Ferreira
Doutoranda em Estudos Linguísticos pela UFMG
mairafsantana@yahoo.com.br

Resumo: A crise dos refugiados é, atualmente, um dos principais desafios mundiais. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), conhecido como a Agência da Organização das Nações Unidas (ONU) para Refugiados, no primeiro semestre de 2016, o número de refugiados chegou a, aproximadamente, 22,5 milhões, um aumento de mais de 300 mil se comparado a 2015. No Brasil, em 2016, 9.552 pessoas, de 82 nacionalidades distintas, tiveram sua condição de refugiadas reconhecida. A partir disso, pretende-se analisar, através dos pressupostos teóricos dos imaginários sociodiscursivos de Charaudeau (2007, 2015), os imaginários relacionados à evasão presentes nos depoimentos dos refugiados que foram divulgados pelo site "Hypeness" em junho de 2016. Tais depoimentos são considerados (micro)narrativas de vida pelo fato de relatarem os motivos que os fizeram deixar seus países, as dificuldades encontradas na cidade onde estão vivendo e o que planejam para o futuro. Constatou-se que muitas vezes o país que concedeu o refúgio, no caso específico, o Brasil, nem sempre foi relacionado a fatos agradáveis e qualificado de forma positiva, mas como algo que foi necessário, tendo como base o que vivenciaram no país de origem.

Palavras-chave: Refugiados; narrativas de vida; imaginários sociodiscursivos.

Abstract: The refugee crisis is, nowadays, one of the major global challenges. According to Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), known as Agência da Organização das Nações Unidas (ONU) for refugee, in the first semester of 2016, the number of refugees has reached approximately 22.5 million, an increase of more than 300 thousand compared to 2015. In Brazil, in 2016, 9,552 people, from 82 different nationalities, had their status as refugees recognized. Thus, it is intended to analyze, through the theoretical assumptions of the socio-discursive imaginaries of Charaudeau (2007, 2015), the imaginaries related to evasion present in the testimonies that were published by the site "Hypeness" on June 2016. Such testimonies are considered life (micro)narratives because they report the reasons for the refugees leaving their countries, the difficulties encountered in the city where they are living and what they plan for the future. It was verified that the country

that granted the refuge, in the specific case, Brazil, is not always related to pleasant facts and qualified positively, but as something that was necessary, based on what they experienced in the country of origin.

Keywords: Refugees; life narratives; socio-discursive imaginaries.

Introdução

A gestão da crise dos refugiados é, atualmente, um dos principais desafios mundiais, haja vista sua dimensão, verificável pelo crescente número de pessoas que fogem de seus países, e a complexidade de suas implicações sociais, políticas e econômicas.

Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), conhecido como a Agência da Organização das Nações Unidas (ONU) para Refugiados, no primeiro semestre de 2016, o número de refugiados chegou a, aproximadamente, 22,5 milhões, um aumento de mais de 300 mil se comparado a 2015. No Brasil, em 2016, 9.552 pessoas, de 82 nacionalidades distintas, tiveram sua condição de refugiadas reconhecida¹.

Ainda conforme o ACNUR, com base na Convenção de 1951, referente ao Estatuto dos Refugiados (de 1951), são considerados refugiados os indivíduos que não se encontram no seu país por fundado temor de perseguição por motivos de ordem racial, religiosa, de nacionalidade, opinião política ou participação em grupos sociais, e que não possam ou não queiram voltar para casa. Posteriormente, definições mais abrangentes, como a do Brasil, aceitaram também a concessão de refúgio em casos de grave e generalizada violação de direitos humanos.

A partir disso, pretende-se, na presente pesquisa, analisar algumas (micro)narrativas de vida destes locutores, as quais se encontram em um site

¹Informações disponíveis em: < http://www.justica.gov.br/noticias/brasil-tem-aumento-de-12-no-numero-de-refugiados-em-2016/20062017_refugio-em-numeros-2010-2016.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2017.

de inovação denominado “Hypheness”, tendo em vista os imaginários sociodiscursivos (CHARAUDEAU 2007, 2015) relacionados à evasão.

1. Narrativa de vida

O relato de vida (*récit de vie*)² consiste, conforme Carvalho (2016), em uma metodologia de pesquisa que se originou nas Ciências Sociais e teve como precursores dois sociólogos da Escola de Chicago, William Thomas e Florian Znaniecki. Posteriormente, em meados de 1970, a referida metodologia foi introduzida na França pelo sociólogo Daniel Bertaux (1997), o qual postula que a narrativa de vida seria a atividade discursiva de contar para outrem um episódio vivenciado. Ela é, portanto, entendida por este pesquisador enquanto o ato de narrar um fato.

A partir do momento em que foi introduzida como metodologia de pesquisa sociológica na França, Carvalho (2016) destaca que a abordagem da narrativa de vida foi estudada por diversas disciplinas, tais como, Antropologia, Psicologia, História, entre outras, e ao termo foram atribuídas várias denominações correlatas, como história de vida, narrativa de si mesmo e autobiografia.

No Brasil, Machado é uma das precursoras no estudo concernente às narrativas de vida, desenvolvendo pesquisas que unem este campo de pesquisa à Análise do Discurso. Conforme Machado (2015), em consonância com Salmon (2007), além destas narrativas auxiliarem na compreensão do mundo, elas podem ser mais um mecanismo de controle social, a partir do momento em que todo ato de linguagem tem uma intenção e, através de suas visadas, tenta-se influenciar o interlocutor.

² Acredita-se que a tradução de *récit de vie* para “narrativa de vida” é de responsabilidade da pesquisadora brasileira Ida Lucia Machado.

O objeto de estudo da pesquisa em pauta constitui-se de (micro)narrativas de vida, já que trata-se de um conjunto de excertos de falas, os quais contém pequenas histórias e situações vivenciadas pelos refugiados.

2. Imaginários sociodiscursivos

Charaudeau (2015) afirma que para se definir e classificar os sistemas de pensamento deve-se buscar uma interdisciplinaridade entre diferentes campos do saber, tais como, Análise do Discurso, Filosofia, Antropologia Social, Sociologia, e Psicologia Social, já que nenhum deles consegue explicar completamente a questão. A Análise do Discurso, por sua vez, pode contribuir com o que diz respeito à organização dos saberes, onde se realiza a demarcação das ideias e dos valores. Nesta perspectiva, o autor discorre sobre os imaginários sociodiscursivos:

À medida que esses saberes, enquanto representações sociais, constroem o real como universo de significação, segundo o princípio da coerência, falaremos de “imaginários”. E tendo em vista que estes são identificados por enunciados linguageiros produzidos de diferentes formas, mas semanticamente reagrupáveis, nós os chamaremos de “imaginários discursivos”. Enfim, considerando que circulam no interior de um grupo social, instituindo-se em normas de referência por seus membros, falaremos de “imaginários sociodiscursivos” (CHARAUDEAU, 2015, p.203).

Desta maneira, Charaudeau (2015) concebe a noção de imaginário diferentemente das definições que lhe atribuem um sentido ligado à fantasia, ao fictício ou ao irreal, mas como algo que se estrutura a partir do processo de significação da realidade.

Os imaginários ancoram-se em dois tipos de saberes: o de conhecimento e o de crença. A diferença entre eles está, segundo Charaudeau (2007), na relação do homem e do mundo. No primeiro, o mundo se impõe ao homem, uma vez que trata-se de verdades objetivas. Este saber inclui o saber

científico – que é provado – e o saber de experiência – que se baseia na experimentação. No saber de crença, por outro lado, o homem se impõe ao mundo, já que consiste em julgamentos subjetivos, em uma maneira de explicação do mundo originária de avaliações, apreciações e valorizações dos indivíduos.

Trata-se, assim, de formas de representação que os indivíduos e os grupos produzem a partir da percepção e da interação, as quais podem se sedimentar na memória coletiva, interferindo na compreensão da realidade.

Portanto, a partir desta breve discussão acerca dos imaginários sociodiscursivos, pode-se abordar algumas de suas características com relação a sua manifestação nas (micro)narrativas de vida dos refugiados em pauta.

3. Análise

O material que compõe o *corpus* de análise desta pesquisa é constituído por (micro)narrativas de vida de refugiados que realizaram, juntamente com alguns brasileiros, a primeira edição da Feira Multicultural com refugiados no Rio de Janeiro em 2016. O evento, organizado pelo Museu do Amanhã, em parceria com a Cáritas RJ e a Agência da ONU para refugiados (ACNUR), oferece arte e gastronomia aos visitantes da zona portuária do Rio de Janeiro e compõe as celebrações em comemoração ao Dia Mundial do Refugiado.

Os textos que serão analisados foram veiculados pelo site de inovação “Hypeness”, por meio da reportagem intitulada “Conheça histórias de refugiados e brasileiros que realizaram a feira multicultural no Rio de Janeiro³”, a qual disponibiliza, além das (micro)narrativas dos refugiados, depoimentos também de brasileiros que participaram da feira. Entretanto, em função do objetivo da presente pesquisa, serão considerados apenas os textos do

³ Disponível em: <http://www.hypeness.com.br/2016/06/conheca-historias-de-refugiados-e-brasileiros-que-realizaram-feira-multicultural-no-rio/>. Acesso em: 06 de julho de 2017.

primeiro grupo de locutores e, dentre estes, foram selecionados alguns para análise. No total, estão disponíveis na reportagem 5 (cinco) (micro)narrativas dos refugiados, por meio das quais eles relatam os motivos que os fizeram deixar seus países, as dificuldades encontradas na cidade onde estão vivendo, que no caso específico trata-se do Rio de Janeiro, e o que planejam para o futuro.

Com relação ao excerto da primeira (micro)narrativa, de um refugiado da República Democrática do Congo, cujo nome é Thezis, tem-se o seguinte relato:

(...) Aqui é legal, é um país de oportunidades, apesar da grande violência que existe. A gente vê todos os dias nos jornais que mataram alguém em tal lugar, teve um assalto não sei onde... uma violência cotidiana que é bem difícil de ver no Congo. Lá, os problemas são outros (Thezis, República Democrática do Congo).

Observa-se, neste caso, um imaginário sociodiscursivo que circula na sociedade, principalmente quando se trata do Rio de Janeiro: a questão da violência generalizada com a qual as pessoas têm que conviver diariamente. O locutor ancora-se em um saber de conhecimento, já que evidencia que se informa sobre a violência pelos jornais.

Por outro lado, ele destaca como ponto positivo do país o fato dele oferecer oportunidades, o que é um imaginário que tem sido atualizado, uma vez que atualmente o país enfrenta uma crise política, econômica e social, a qual tem gerado desemprego.

No segundo fragmento de fala do locutor em pauta, pode-se perceber também outro imaginário sociodiscursivo que é comum na sociedade, o fato do Brasil ser um país onde há muita discriminação:

O Brasil é um país de muita discriminação. Até no meu trabalho eu já fui discriminado. Também na rua, no shopping... o negro brasileiro passa por isso, mas o africano muito mais. Achem que por ter um cabelo assim você é vagabundo, você não vale nada (...) na minha cabeça eu sei que sou inteligente pra caramba (Thezis, República Democrática do Congo).

O locutor recorre, mais uma vez, a um saber de conhecimento a partir do momento em que relata ter vivenciado situações discriminatórias. Conforme já pontuado, segundo Charaudeau (2007), o saber de conhecimento envolve tanto o saber científico – que é provado – quanto o saber de experiência – que se baseia na experimentação.

Percebe-se, também, no excerto acima, outro imaginário sociodiscursivo, contudo, relacionados ao saber de crença: de que no Brasil o negro africano é mais discriminado do que o negro brasileiro.

Há outra (micro)narrativa, da refugiada Nelly, colombiana. Ela revela, por meio do excerto seguinte, certa decepção com o fato de não ter liberdade e autorização para trabalhar no Brasil vendendo artesanato:

(...) vendemos artesanato em uma praça na Tijuca, mas é difícil porque a polícia fica em cima. (...) A gente foge de um país para continuar fugindo em outro (Nelly, Colômbia).

Provavelmente esta situação vivenciada pela refugiada vai de encontro ao imaginário que ela tinha na Colômbia, de que no Brasil, país para o qual ela se deslocaria, ela teria mais liberdade e uma vida tranquila.

O refugiado Rami, natural Sírio, é o locutor de outra (micro)narrativa. Ele destaca as dificuldades por ele vivenciadas no Brasil:

O Brasil é um país maravilhoso, mas a vida aqui é difícil. Os salários são baixos, o custo de vida é alto, a cultura é diferente, não conheço quase ninguém... é complicado. Não temos uma comunidade síria forte no Rio, a maioria das pessoas está chegando agora (Rami, Síria).

Neste fragmento observa-se outro imaginário sociodiscursivo fundado no saber de conhecimento: de que a vida no Brasil é difícil. O locutor assume este posicionamento a partir de experiências por ele vivenciadas, as quais são por ele descritas.

Considerações Finais

Por meio da análise dos imaginários sociodiscursivos relacionados à evasão presentes nas (micro)narrativas dos refugiados, percebe-se que muitas vezes o país que concedeu o refúgio, no caso específico, o Brasil, nem sempre foi relacionado a fatos agradáveis e qualificado de forma positiva, mas como algo que foi necessário, a partir do que vivenciaram no país de origem.

Tendo em vista que fazer ouvir na sociedade os locutores que normalmente são destituídos de fala é uma tarefa nobre, que contribui para a democratização do espaço público e promove uma reflexão social (BERTAUX, 2013), pode-se dizer que o presente artigo colaborou, mesmo que de forma embrionária, para se ouvir a história pelo outro lado, o lado do locutor que, na maioria das vezes, não tem voz. A partir disso, fazem-se necessárias mais pesquisas neste sentido, que tenham como foco este outro tipo de locutor.

Referências

BERTAUX, D. **Les récits de vie**. Paris: Nathan Université, 1997.

_____. **L'Enquête et ses méthodes: le récit de vie**. Paris: Colin, 2013.

CARVALHO, A. T. S. Relações teórico-metodológicas entre a AD e a Narrativa de Vida. In: MACHADO, I. L.; MELO, M. S. S. (Orgs.). **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2016. p.21-42.

CHARAUDEAU, P. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: BOYER, H. (Org.). **Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène**. L'Harmattan. 2007. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Les-stereotypes-c-est-bien-Les,98.html>. Acesso em: 02 de julho de 2017.

_____. Os imaginários de verdade do discurso político. In: _____. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 185-245.

MACHADO, I. L. Narrativa de vida e construção de identidade. In: LARA, G. M. P.; LIMBERTI, R. P. (Orgs.). **Discurso e (des)igualdade social**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 129-141.